

HISTÓRIA DA ARTE: O SÉCULO XX ATÉ 1970

Módulo 1

Arte Moderna

Unidade 1

Questões da Tradição e do Modernismo

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo



Cursos de Artes Visuais
FAALC – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

A disciplina em questão trata da Arte Visual nos primeiros anos do século XX. Este foi o período de consolidação do “projeto” Moderno ou Modernista ou do Modernismo como um todo.

Ao mesmo tempo, tal consolidação, ao abrir caminho para novas proposições estéticas também introduziram muitas questões que não faziam parte do Projeto Moderno, inclusive o confrontavam.

Nesse sentido o Modernismo também possibilitou o surgimento do Pós-Modernismo. Mesmo que este nome, termo ou categorização da Arte que se desenvolveu ou se desdobrou a partir das décadas de 1950-60, não seja suficientemente claro ou próprio para explicar as ocorrências estéticas e conceituais que se desdobraram desde então, é o termo mais próximo que se tem para identificar o que se faz hoje em dia.

Nesse sentido trato na disciplina de duas questões principais: uma que diz respeito à sedimentação e consolidação de um projeto estético iniciado no século XIX com uma espécie de Pré-Modernismo, depois trato do que caracteriza historicamente como Modernismo e os aspectos e pressupostos estéticos propositivos e conceituais que contribuíram para a Arte na Contemporaneidade ou Arte Contemporânea.

Para melhor compreensão da disciplina, volto ao século XIX, desde as escolas de Belas Artes francesas para verificar as relações entre elas e a contraposição surgida com o advento do Modernismo.

Depois revejo o desenvolvimento a consolidação e desenvolvimento do Modernismo e suas projeções nas tendências atuais.

Entre a tradição, o Moderno e o Pós-Moderno.

O termo Moderno, em geral, diz respeito ao novo, ao inusitado, ao que não existia antes. Normalmente se fala em moderno sempre que se refere a algo que não é velho, antigo ou anterior.

O moderno de ontem é tão moderno quanto o moderno de hoje e talvez o de amanhã. Não há uma norma para atribuir o conceito de moderno a algo que não seja o de novidade, de algo que não é mais passado e que aponta para o futuro, logo, a Arte Moderna nega o passado e a tradição clássica acadêmica.

Outro termo que vamos enfrentar na Arte é o de contemporaneidade. Assim temos Arte Moderna, que é nova e Arte Contemporânea que é atual.

Ser atual é mais nova ainda ou simplesmente feita agora, nos dias de hoje?

Se considerarmos o fato de que um artista pode fazer Arte hoje em dia mas estar fazendo algo semelhante ou idêntico ao que se fazia no passado, ele é um artista contemporâneo ou não?

Se considerar que Contemporâneo é o mesmo que o tempo atual então ele faz Arte Contemporânea. Mas, dentro das acepções da Arte Visual de hoje em dia, ser contemporâneo se refere às manifestações que investem em tendências inovadoras, transformadoras e instauram os fazeres atuais e não apenas algo que se faz hoje em dia, neste caso ele é anacrônico. Isto leva a pensar quanto se deve voltar atrás para entender o Contemporâneo.

Quanto se deve recuar no tempo para estabelecer um referencial plausível entre a Arte que passou com aquela que temos hoje em dia? Quando se fala em Período Contemporâneo na História se refere a um período de tempo delimitado entre acontecimentos relevantes para nossa compreensão. Para a história a Idade Contemporânea começou com a Revolução Francesa em 1789 e, supostamente, não terminou, até hoje.

Portanto a “contemporaneidade” histórica dura mais de duzentos anos. Será que não aconteceu nada neste tempo que justificasse uma nova datação? Será que as Revoluções Industriais, tecnológicas e digitais não justificam o tempo atual? Será que os conflitos pelos quais a humanidade passou nestes últimos dois séculos não foram tão significativos quanto a Revolução Francesa para se pensar um novo tempo?

Neste sentido verificamos, por outro lado, que a Arte Visual não se manteve formalmente constante todo este tempo, ocorreram muitas modificações, entre elas, o que se passou a chamar de Moderno e depois de Pós-Moderno marcam novos tempos. Assim, para a Arte o tempo passou e as Estratégias Discursivas usadas pela Arte Visual para construir-se também mudaram com o tempo e as técnicas, tecnologias, materiais e procedimentos.

Durante minhas aulas uso alguns conceitos e ideias com a finalidade de manter um sistema de sentidos estável para melhorar a compreensão sobre as questões gerais da Arte.

Um deles é a ideia de *Estratégia Discursiva* que se refere aos modos como as manifestações artísticas são elaboradas, criadas ou realizadas ao longo do tempo e como, com o passar do tempo, se transformaram. Sugiro também a consulta ao Glossário disponível em TEXTOS: [GLOSSÁRIO - termos usados nos textos de apoio](#)

Outra questão é a da Poética. Uso Poética extraída do *Poien* grego que se refere ao fazer, ao processo cognitivo e constitutivo das obras de Arte, seja em que Modalidade Expressiva for: Visual, Sonora, Cênica, Literária ou Audiovisual.

Dentro destas categorias existem sub-categorias, por exemplo, a nossa: Arte Visual. Em que se destacam as Poéticas como: Pintura, Desenho, Gravura, Escultura, Modelagem, Construção, Fotografia, Cinema e Vídeo ou Audiovisual, Interventivas ou Instaladoras e Performáticas.

Considerações sobre História e Contemporaneidade

Ao abordarmos o ser humano por meio das teorias que o explicam devemos fazer algumas considerações à respeito disto, neste caso em especial: a História.

Do grego, esta palavra se refere à pesquisa, à investigação que explora o conhecimento sobre a humanidade no tempo e no espaço.

Portanto, todas as manifestações capazes de serem abordadas como “fontes”, ou seja, testemunhos de ocorrências humanas em quaisquer períodos, podem se tornar objetos de estudo quer seja da história propriamente dita ou de suas auxiliares como a arqueologia, sociologia, antropologia e demais “logias” com as quais ela dialoga e convive.

Contudo, a História não é o recenseamento ou ajuntamento de ocorrências no tempo e no espaço, mas sim a tentativa de conhecer seus sentidos, significados. Uma manifestação artística não é menos importante do que outras como as científicas ou filosóficas, todas contribuem para que aumente nossa capacidade de conhecimento sobre o ser humano e o mundo que o cerca.

Pode-se dizer, grosso modo, que tudo o que se diferencia da Natureza é Cultura, logo, todas as apropriações, transformações, modificações ou construções, sejam intelectuais ou materiais que realizamos ou produzimos, diz respeito ao conhecimento como um todo, portanto Cultura. Tudo é *significante* e produz *significado*.

Neste sentido a abordagem da História da Arte recorta, do universo de condutas e comportamentos humanos, aqueles que se referem às manifestações de caráter estético que ocorreram ao longo do tempo nas diversas regiões do globo. Em nosso caso, as manifestações de caráter estético e visuais chamadas de Estilos, Escolas ou tendências.

Tais manifestações visuais incluem, além das grafias, incisões, desenhos, pinturas, esculturas também os monumentos, constituídos pelas ordenações construtivas desde as paredes das cavernas passando pelos aparatos megalíticos, os túmulos, catacumbas, templos, palácios, castelos, residências e demais ocorrências que também serviram de apoio ou suporte para interações visuais que ocorreram ao longo do tempo.

Outra questão relevante é o hábito de marcar um percurso para trabalharmos em torno da história. Neste caso o percurso recorrente é o temporal, ou cronológico. Os estudiosos delimitam marcos, ou seja, acontecimentos relevantes da humanidade num dado local ou período e o tomam como pontos de encontro de teorias, conceitos, leituras e interpretações para a sua compreensão. Assim definem o que comumente chamamos de Linha do Tempo.

A historiografia de caráter linear e temporal “Positivista” introduzida no século XIX proposta por Augusto Comte, é que orientou boa parte dos estudos científicos a partir dali e é o que usamos como referência para organizar nosso percurso de leitura com foco na História da Arte. Assim temos inicialmente dois momentos: um primevo, ou seja, Pré-histórico e outro posterior: Histórico.

Durante muito tempo o hábito de considerar as primeiras manifestações humanas como anteriores à História, chamado de período Pré-histórico, se justificou por considerar que o marco inicial da História seria o surgimento da Escrita que, por sua vez, garantiria a existência de documentos que relatavam as ocorrências humanas e que seriam as *fontes primárias* para os estudos historiográficos.

Assim temos os períodos históricos: Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna marcada pelo Renascimento Italiano, as grandes descobertas e invenções, grandes navegações e as ocupações ou colonização europeia que dura até a Revolução Francesa que vai abrir a Idade Contemporânea.

No campo da Arte Visual, o Período Contemporâneo compreende o final do século XVIII, nos quais os estilos ou escolas Barroca e Rococó são dominantes. O Século XIX no qual várias escolas surgiram como o Neoclacissismo, o Realismo, Romantismo, Impressionismo e os princípios do Expressionismo e da Modernidade.

No século XX, os desdobramentos da Modernidade e suas consequências conceituais que marcaram os primeiros sessenta anos do século XX e, praticamente, todas as manifestações artísticas posteriores já que, as atitudes estético/expressivas dialogavam continuamente com as diferentes tendências e estilos, fossem eles do passado ou do presente.

Este diálogo atemporal resulta no que se chamou Pós-Modernidade, ou seja, uma conjunção de fatores, comportamentos e atitudes que passaram a se manifestar na arte e na sociedade fazendo com que o olhar para estes primeiros sessenta anos do século XX, se tornasse mais apurado e distintivo.

Neste caso pode-se olhar para este momento como um período de transição.

Para o Ensino no campo da Arte Visual, esta transição inclui o abandono do Projeto Pedagógico Clássico, constituído com base no modelo das Academias, nascidas na Itália, no Renascimento e sua expansão para o contexto europeu e suas colônias a partir das Academias de Belas Artes francesas e a ruptura com este modelo a partir do final do século XIX.

O Ensino Clássico tinha por meta a formação destinada ao desenvolvimento das habilidades necessárias aos produtores de imagens, ou seja, os artistas que idealizavam, projetavam, construía e realizavam as Obras de Arte naquele tempo, fossem as edificações ou sua ornamentação, incluindo aí a pintura e a escultura.

Enquanto que, até a Idade Média, a formação era exclusivamente técnica e promovida no contexto dos ateliers das Guildas ou Corporações de Ofício Medievais sem estrutura formal, a partir do Renascimento, esta formação passa a ser realizada por meio das Academias que acrescenta a ela uma formação Humanística. Dando espaço para a filosofia e as letras.

Mesmo que os produtores de Arte se tornassem mais ilustrados em relação ao contexto histórico-filosófico, o preparo técnico realizado nos ateliers permanece prioritário, os estudos de modelos clássicos de base greco-romana, da anatomia, de modelos vivos, da observação e reprodução do visível e o “adestramento” das habilidades motoras permanecem como suas principais metas.

Nesse sentido, o processo de criação e inventividade era menos importante do que a habilidade de representação imagética. Este modelo de ensino-aprendizagem dura até o século XIX, quando os artistas passam a contestar estes valores e a reivindicar para a Arte, maior autonomia conceptiva e criativa. É quando ocorre a ruptura entre o Clássico e o Modernista.

Até o século XIX, em especial em Paris, França, a maior consagração para os artistas era a participação dos Salões realizados no Louvre.

Esta participação era concedida, principalmente, àqueles que frequentavam a Academia de Belas Artes, subvencionada pelo império. Obviamente os artistas que não faziam parte deste contexto, ficavam sempre fora deste certame.

Por insistentes apelos ao imperador Napoleão III, criou-se uma opção alternativa que veio a ser conhecida, pejorativamente, como Salão dos Recusados.

O acesso público a estes salões era pela curiosidade que revelavam por serem obras não credenciadas pelo sistema, logo, eram motivo de chacota e crítica severa. Por outro lado, acabou por motivar outras exposições relevantes como a do Impressionismo.



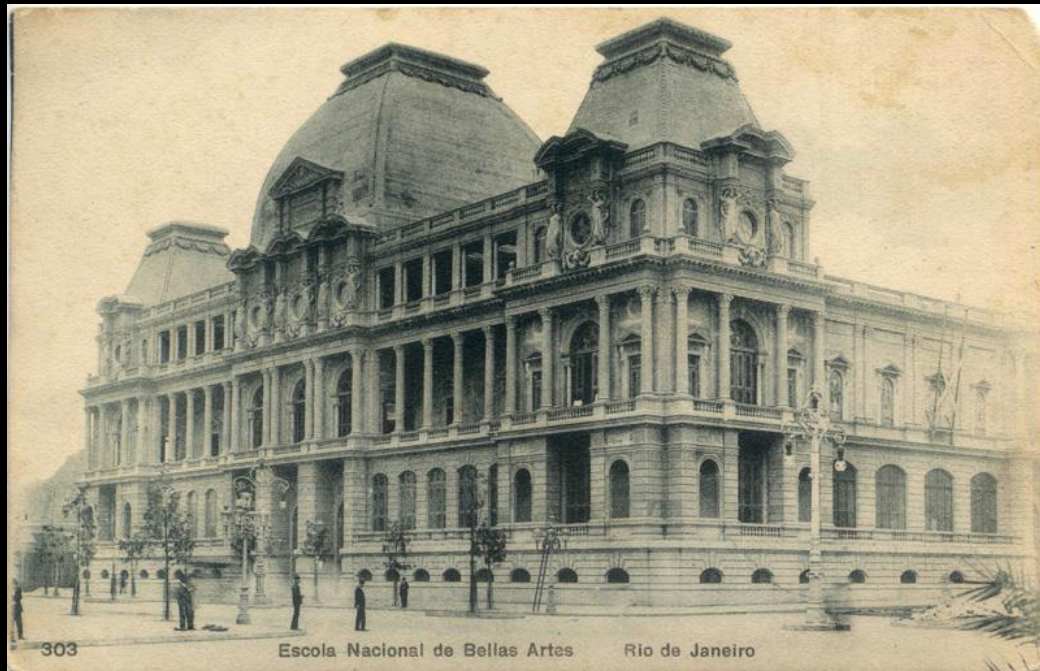
Charles X Distributing Awards to Artists Exhibiting at the Salon of 1824 at the Louvre Heim, Francois-Joseph (French Painter, 1787-1865) 1827 - Musée du Louvre, Paris

Nesta imagem temos uma noção de como se realizavam as mostras e premiações naquele período.



Hemicycle of the Ecole des Beaux-Arts 1814, oil on canvas.
Ecole des Beaux-Arts, Paris, France Paul Hippolyte Delaroche
France, Academic Classicism

Aqui vemos o tipo de obras que eram apresentadas na época



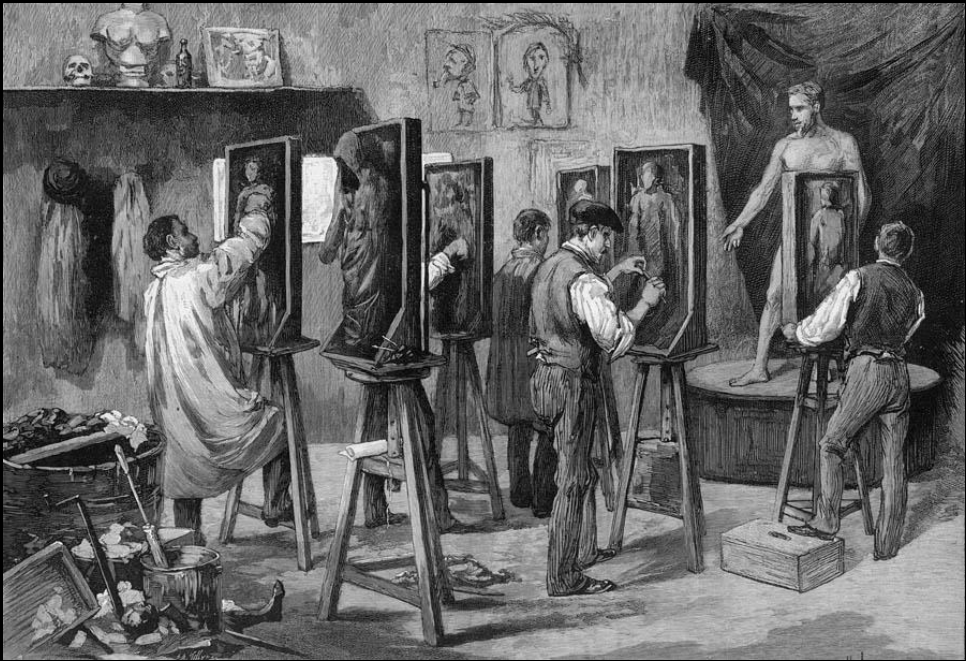
Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil

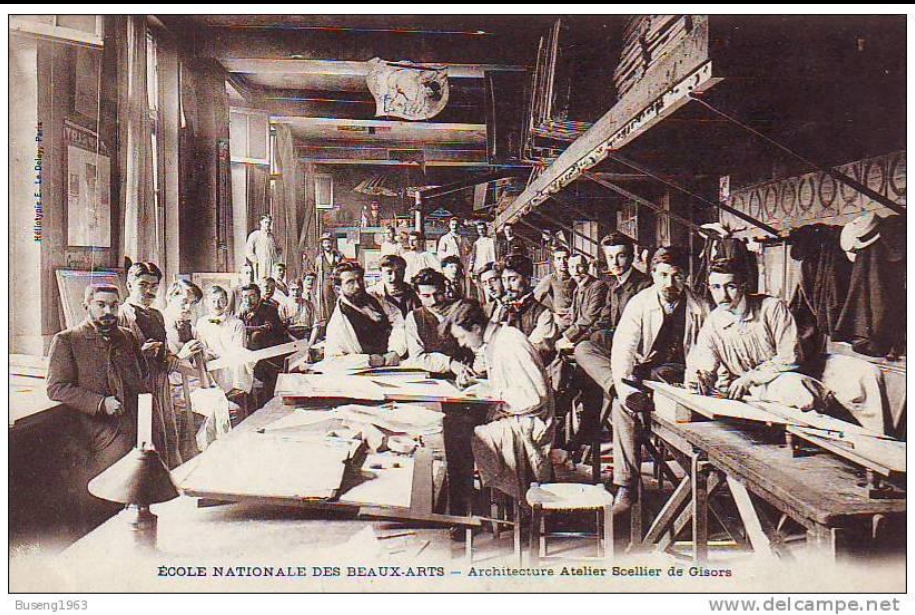
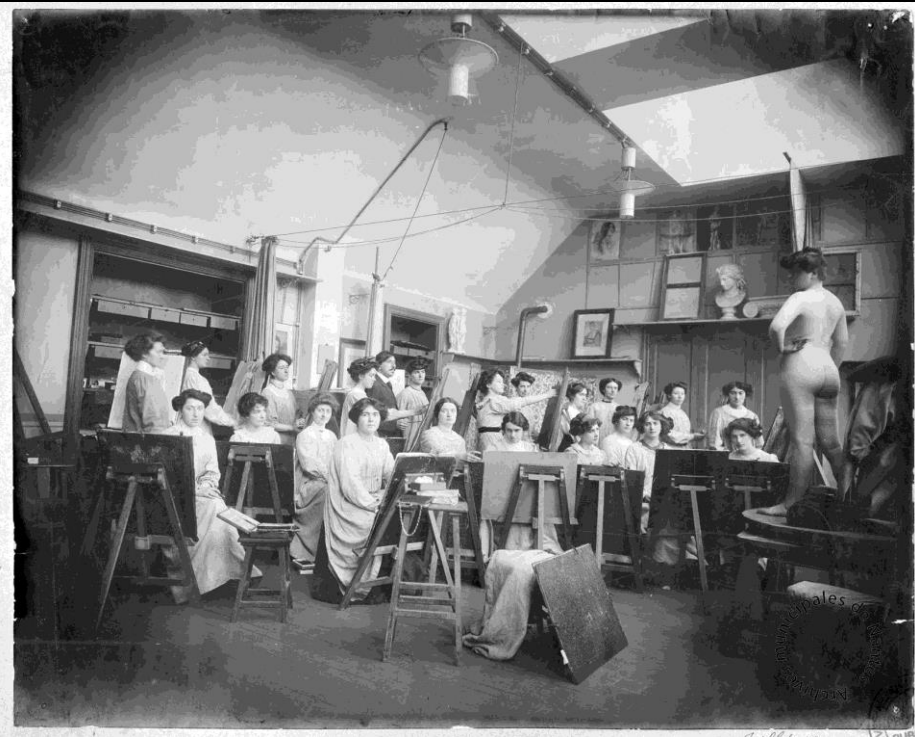


Nestas fotos
temos
imagens que
correspondem
ao clima
típicos dos
ateliers de
formação de
Belas Artes.



Мастерская И.Е. Репина. Постановка натуры. 1897 - 1898 гг.





Pode-se considerar o surgimento de um novo modelo, a partir do que podemos chamar de advento Modernista que caracteriza uma ruptura com a tradição clássica acadêmica.

Esta ruptura pode ser identificada a partir de alguns pontos:

- . O Salão dos Recusados, criado em 1863 por Napoleão III na França.

- . O surgimento do Impressionismo em 1874 em Paris, na França.

- . A oposição ao Impressionismo, na Alemanha em fins do século XIX e início do séculos XX, chamada de Expressionismo.

- . As escolas de Artes Plásticas do Grão Duque Ernest Ludwig de Hessen, em Darmstadt na Alemanha.

- . Os debates em torno das Artes e Ofícios – Arts and Crafts, na Inglaterra.

- . A Escola Bauhaus, fundada na Alemanha, a partir da Escola de Artes Plásticas do Grão Duque, em 1919, em Weimar e depois transferida para Dessau em 1925. Em 1932 vai para Berlim e, em 1937, migra para os Estados Unidos, sendo chamada de Nova Bauhaus, estruturada no Institute of Design do Illinois, Institute of Technology of Chicago, no MIT - Massachusetts Institute of Technology.

Estes fatores definem novas atitudes em relação à criação artística, inaugurando novas poéticas e, conseqüentemente, possibilitaram o surgimento de novos processos de ensino-aprendizagem em Arte.

Neste sentido podemos aceitar o desenvolvimento de novos projetos pedagógicos que poderiam ser chamados de Modernista e/ou Pós-Modernistas.

Estes projetos definem os processos que as Escolas de Artes Plásticas e Depois de Artes Visuais adotaram a partir de meados do século XX.

São projetos orientados para o campo da práxis propositiva que levou à substituição das Escolas Belas Artes para as de Arte Visual e as de Artes e Ofícios pelas de Arquitetura, Desenho Industrial e depois de Design.

Contudo o Ensino no Campo da Arte Visual se especializou e centrou no Conhecimento, numa base Conitiva e não Psicomotora que caracterizava boa parte do ensino tradicional.

As mudanças de caráter conceitual e poéticos implicam também em mudanças pedagógicas tanto em relação aos conteúdos a serem estudados, quanto nos modos e métodos usados neste novo projeto.

Em grande parte, tais mudanças foram apoiadas pelo surgimento de oficinas e laboratórios nestes novos contextos pedagógicos.

Pode-se dizer que a substituição dos Ateliers, que tinham um apelo clássico, pelas Oficinas, cujo apelo era para a construção, transformação e invenção ou Laboratórios para a Investigação contribuiu bastante para a mudança do aspecto pedagógico no ensino de Arte Visual, em especial, para a Pesquisa em Arte.

Neste sentido a ambientação do espaço criativo e construtivo da Arte Visual também mudou para um ambiente multifuncional.



Com a transformação dos Ateliers em Oficinas, o projeto pedagógico também alterou o conceito espacial e o resultado dos processos.



Oficinas de Artes
Visuais



Desde o final do século XIX as transformações pelas quais a Arte Visual passou definiram as novas tendências estéticas e também mudanças de caráter conceitual. O modo de pensar e fazer arte mudou completamente e o que a tradição clássica defendia como valores absolutos, entraram em crise e deixaram de ser relevantes no contexto da Arte Moderna.

O surgimento de novos materiais e mesmo o uso inovador, exploratório ou criativo de antigos materiais se tornaram também questões de caráter poético e estético. Novas soluções plásticas, proposições temáticas e reflexivas fazem da arte um meio de diálogo contínuo com a contemporaneidade e não apenas uma ornamentação ou ilustração do entorno.

As primeiras seis décadas do século XX viveram transformações substanciais e exponenciais no contexto da Arte e definiram grande parte do percurso das décadas posteriores até a chegada do século XXI.

A quantidade de movimentos, propostas, intervenções e ações no contexto da Arte definiram os modos de fazer e pensar a Arte na atualidade.

Neste sentido não há como indicar uma linha de pensamento única e hegemônica neste contexto, mas sim de tentar agrupar em categorias que possam contemplar tendências que marcaram estes primeiros sessenta anos do século XX entendendo este período como o de uma transição na qual as Vanguardas Históricas são as primeiras referências.

Pode-se dizer que as Vanguardas Históricas são ocorrências fundadoras e que marcaram a Arte Visual nas primeiras décadas do século XX, especialmente na França.

Neste critério entram o Fauvismo, o Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo entre outros “ismos” que irão definir os novos conceitos de Arte para a contemporaneidade.

Neste sentido o Modernismo não contempla toda a Arte Visual produzida entre o final do século XIX e meados do século XX e, nem todos artistas que atuaram neste período podem ser considerados Modernos por estarem aquém e além dessa classificação. As inovações de caráter técnico e estético sempre ocorreram na Arte Visual, a diferença é que neste período elas ocorreram em maior quantidade e direção.

Final do século XIX: uma transição do tradicional para o Modernismo

Modernismo

Modernidade

Modernista

Estas três palavras definem também variações de conceitos correspondentes à ideia de Moderno, em geral relacionados à de novidade. Sempre que este termo surge, está associado a algo novo, inovador, atual ou contemporâneo.

No contexto da Arte Visual, definem as transformações que ocorreram no final do século XIX para o século XX em oposição à Arte tradicional de caráter acadêmico.

O Modernismo ***não é*** uma Escola Estilística, nem um Manifesto ou Movimento Artístico, o termo caracteriza um período de transformações estéticas inovadoras e experimentais que prefiro chamar de *Advento*.

Tal advento ou acontecimento irá caracterizar as manifestações que se afastam da arte tradicional clássica ou acadêmica e se aproxima de novos valores plástico/visuais decorrentes da ruptura com o modelo tradicional de arte e em busca de novos materiais e da exploração de novos meios e processos expressivos, bem como da pesquisa por novas poéticas.

O Modernismo instaura o que podemos chamar, grosso modo, de *Pesquisa em Arte*, as investigações e explorações de caráter materiais, estéticos, plásticos e conceitual que ampliam a relação dos artistas com seus processos e modos de fazer, com sua práxis em busca de novos procedimentos e possibilidades. É isto que caracterizará a Arte a partir do século XX.

Desde o Realismo, no século XIX, as temáticas já demonstravam uma transformação conceitual razoável migrando dos temas tradicionais como os mitológicos, sacros ou profanos de caráter sensual típicos da tradição artística, para os temas sociais nos quais o ser humano é representado no seu cotidiano, no trabalho e vítima das querelas sociais.

Mesmo o Romantismo ao levar a Arte para o nacionalismo, o naturalismo, os temas mais passionais e menos alegóricos, muda o modo de pensar e fazer Arte. Várias outras tendências e artistas passam a trabalhar em proposições mais personalizadas e menos academizadas, com isto a quantidade de obras produzidas no período aumenta muito.

Na medida em que a produção artística aumenta, não aumentam os espaços expositivos. Os Salões Oficiais do Louvre, por exemplo, não admitiam artistas não vinculados às academias oficiais, logo as demais academias e estúdios particulares não tinham acesso nem a proteção da “mídia” estatal. As reivindicações de que o governo desse o mesmo tratamento para as demais academias e artistas leva o imperador a uma situação complicada.

Mas, atendendo às reivindicações e protestos crescentes dos artistas, em 1863, o Imperador Napoleão III, não quebra a hegemonia dos Salões Oficiais do Louvre, mas determina a realização de uma exposição paralela no Palácio da Indústria (próximo ao Louvre e que tinha espaço para comportar o número de obras destinadas à mostra). Pejorativamente, passou a ser conhecido como Salão dos Recusados.

Esta mostra foi a mola propulsora de outras exposições organizadas por grupos de artistas, entre elas, a da Sociedade Anônima de Pintores, Escultores e Gravadores, realizada em 1874, conhecida, mais tarde como a primeira do Impressionismo. Boa parte dos historiadores consideram esta exposição como o principal marco das transformações Modernistas.

O nome Impressionismo decorre da alcunha atribuída pelo escritor Louis Leroy ao comentar a obra de Claude Monet: *Impressão - Nascer do Sol*, de 1872:

Impressão, Nascer do Sol -eu bem o sabia! Pensava eu, se estou impressionado é porque lá há uma impressão. E que liberdade, que suavidade de pincel! Um papel de parede é mais elaborado que esta cena marinha".

Portanto, o Salão dos Recusados é o precursor, o instaurador dos novos procedimentos artísticos e o Impressionismo seu primeiro resultado formal. Tanto é que os historiadores o consideram o principal marco destas transformações. Deste modo, ele passa a ser o divisor de águas entre o passado tradicional e o presente inovador.

Entretanto, apenas isto não seria suficiente para mudar o modo de pensar mas também de fazer Arte, é necessário que tais orientações fossem incorporadas também aos processos de ensino. A tradição já havia definido um projeto pedagógico eficiente, entretanto, ao contestá-lo, haveria que surgir um outro.

Pode-se dizer que uma nova matriz que instaura um novo processo surge na Alemanha.

Neste sentido devemos levar em consideração dois fatores principais:

1- uma tendência de afastamento da visualidade convencional e acadêmica que motiva os artistas na Alemanha a mudar sua visão e definir o que vem a ser conhecido como Expressionismo.

2- a criação das Escolas de Artes Plásticas, no início do século XX que instauram um processo de ensino-aprendizagem na Alemanha distinto das escolas de Artes e Ofícios, contraponto das Academias, como uma nova proposta pedagógica para investir no desenvolvimento dos processos técnicos e tecnológicos sem se afastar da preservação da artesanaria.

Estas escolas, diferentes de Ateliers, típicos da escola clássica, se orienta por meio de Oficinas.

É o que vai caracterizar a ***Escola Bauhaus***, criada por Gropius: um ensino centrado em oficinas e em fazeres e habilidades técnicas e criativas e não apenas na capacidade de reprodução e cópia de modelos pré-definidos como parâmetros e valores.

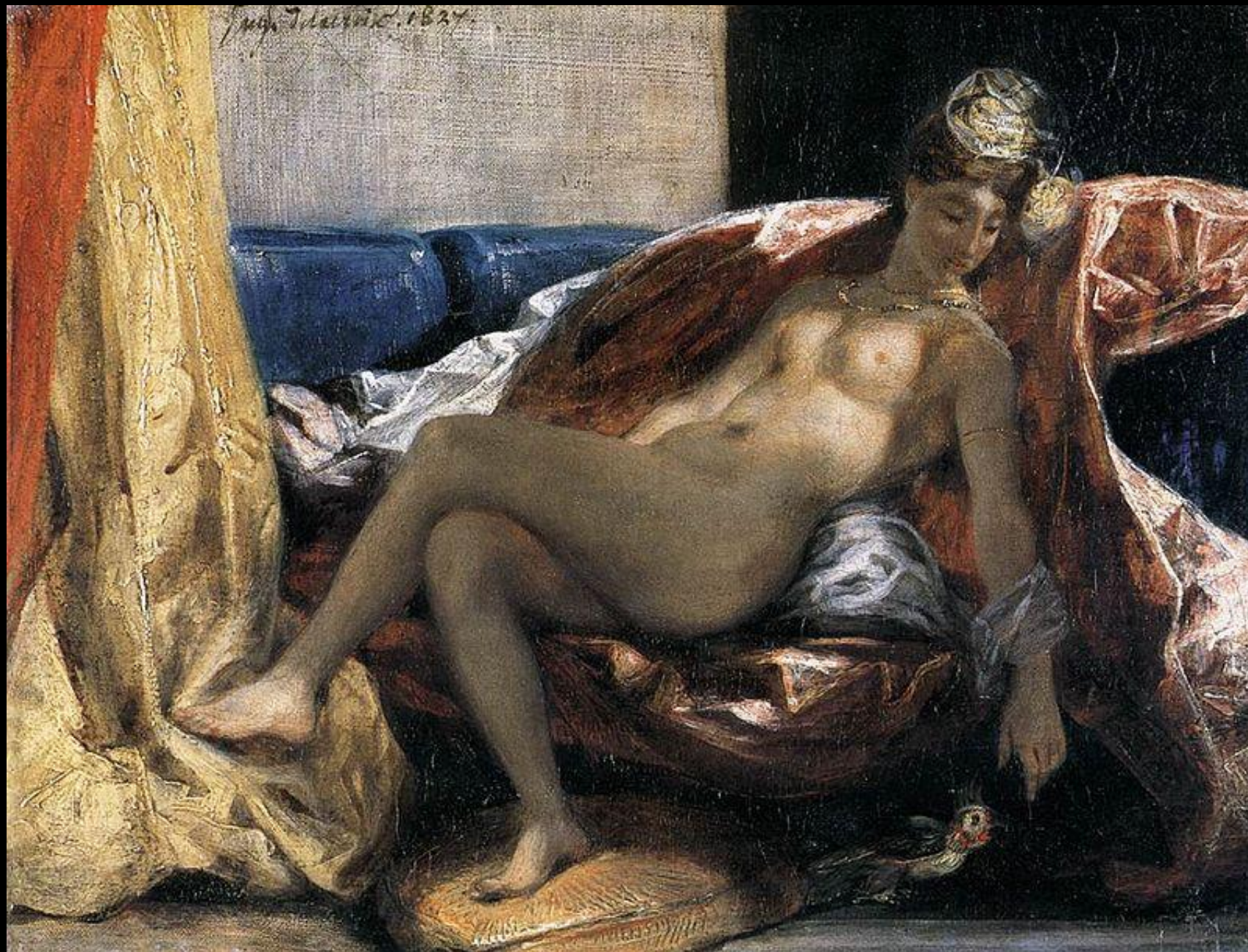
O novo perfil exigido dos artistas contemporâneos não é definido a partir de suas habilidades de reconhecer e reproduzir o visível, mas na sua capacidade de criar, recriar, conceber, reconceber e ressignificar não apenas o visível, mas também aquilo que é invisível, ou seja, a imaginação e não só o imaginário, criando repertórios inusitados e inovadores, fora das figuras do mundo.

Os paradigmas estéticos clássicos não servem mais para os artistas Modernos. Neste sentido, vamos rastrear o percurso de transformação desta mudança de paradigmas. Um deles já se mostrava no Romantismo no qual os artistas abriram mão da performance técnica em detrimento da eficiência expressiva.

O uso das cores e da plasticidade pictórica sem uma preocupação com a volumetria já definia uma postura de libertação do modelo clássico. A recorrência a temas mais contemporâneos à sua época (e não da mitologia grega ou romana) era outra destas mudanças. Vemos isto em Eugene Delacroix.



Delacroix,
Mulheres de
Argel, 1834.



Delacroix,
Mulher com
Papagaio,
1827.

Outra transformação paradigmática foi a mudança radical dos temas e o investimento em aspectos do cotidiano e retratos anônimos.

Olhar para o entorno e provocar novas atitudes dos leitores é uma conduta que passa a ser referência no Realismo, por exemplo.

Gustave Courbet é um exemplo disso.

É de se supor que os burgueses que mantinham entre seus serviços as pessoas retratadas por Courbet, jamais adquiririam alguma de suas obras, já que não teriam interesse algum em expor em suas residências pinturas que mostrassem estas pessoas ou serviços e não o temas míticos e históricos habituais.



Courbet,
Mulheres
peneirando
Trigo, 1854.



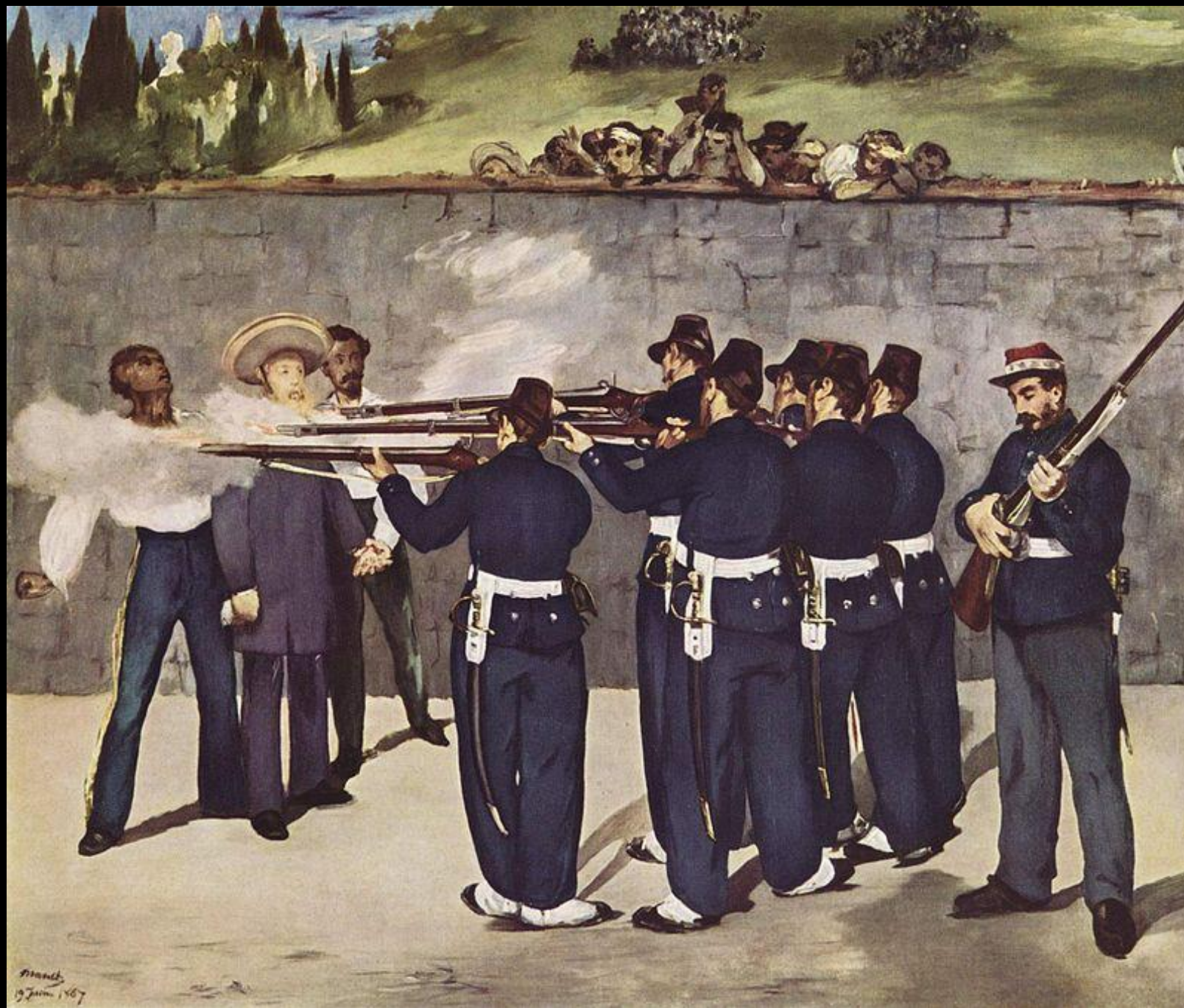
**Courbet,
Depois do
jantar em
Ornans, 1819**

Edouard Manet também merece ser lembrado por tratar de questões de caráter social e político do seu tempo.

Denúncia política e abordagem social são assuntos que tematiza e explora de modo eficiente e convincente.

Tirar o ser humano das alegorias históricas, míticas, heroicas e religiosas é um grande avanço numa sociedade burguesa e conservadora.

Isto foi parte das mudanças que passaram a acontecer no final do século XIX. Para a Arte não bastava mais ser a ilustração de seu tempo, um serviço artesanal e ornamental à mercê do sistema econômico, mas buscar um lugar próprio numa sociedade em transformação que merecia que a Arte se referisse ao seu tempo e não ao gosto reinante.



Manet,
A execução do
Imperador
Maximiliano,
1867.



Manet, Un Bar
aux Folies-
Bergère, 1881-82.

Entretanto o grande marco deste período é, sem dúvida, o Impressionismo. Pode-se dizer que o Impressionismo foi o resultado direto do *Salon des refusés* realizado em 1863, do qual participam os artistas desvinculados da Real Academia Francesa de Pintura e Escultura. Este Salão continuou nos anos seguintes como um espaço alternativo.

Nele, os artistas mostrarem seus trabalhos, mesmo sofrendo o peso da crítica agressiva persistiram na luta. Em 1874, um grupo de artistas banca sua própria mostra no atelier de um fotógrafo, Nadar, que passou a ser conhecida como a primeira mostra dos Impressionistas, a partir daí está criada a Arte Moderna.



Claude Monet, Impressões ao nascer do sol, 1872.

Com tal apresentação acredito que tenha dado um panorama das principais questões que definiram ou propuseram novas possibilidades para a Arte Visual no século XX.

Reforço que o material aqui apresentado é sempre um apontamento, um indicador de caminhos para construir informações sobre o pensamento em Arte Visual.

Não é apenas um material de exposição em sala de aula, é também um Reforço pedagógico complementar.

Este material não é um texto completo sobre os conteúdos mas um indicador de conceitos e interpretações que deve ser sempre consolidado por meio das leituras propostas e complementadas por meio da bibliografia indicada para o curso.

Assistir e participar das aulas é uma parte, como também realizar as atividades prescritas é essencial, pois conhecimento não é adquirido e sim construído.

Atividades Pedagógicas para aprendizagem.

A metodologia de Estudos Dirigidos requer sua proatividade, iniciativa e autonomia na construção do conhecimento, portanto, você é responsável pelo seu aprendizado. Siga as orientações de leituras e demais atividades para obter o máximo de rendimento na disciplina.

Leituras indicadas.

GOMBRICH, E. História da Arte, Capítulos 25, 26, 27 e o pós-escrito.

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte Moderna.

Para leituras Acesse TEXTOS, e MULTIMÍDIA e LINKS para desenvolvimento de atividades complementares em:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

Questões de Reforço e aferição de conhecimentos para avaliação:

1. Quais as diferenças entre Moderno, Modernismo e Modernidade?
2. O se pode entender por contemporâneo?
3. O que é Poética?
4. O que são Vanguardas Históricas?
5. Quais são as diferenças entre Arte Clássica e Arte Moderna?